



FACULDADE ANÍSIO TEIXEIRA
COLEGIADO DOS CURSOS DE JORNALISMO E PUBLICIDADE E PROPAGANDA
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO

DANIELLY DA SILVA FREITAS
KAROL PIRES FREITAS

**O PAPEL DA MULHER NO RADIOJORNALISMO FEIRENSE: UM RECORTE
SOBRE OS PROGRAMAS JORNALÍSTICOS DA FAIXA DA MANHÃ DA RÁDIO
SOCIEDADE NEWS FM**

FEIRA DE SANTANA, BA
JUNHO, 2021

DANIELLY DA SILVA FREITAS
KAROL PIRES FREITAS

**O PAPEL DA MULHER NO RADIOJORNALISMO FEIRENSE: UM RECORTE
SOBRE OS PROGRAMAS JORNALÍSTICOS DA FAIXA DA MANHÃ DA RÁDIO
SOCIEDADE NEWS FM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como pré-requisito obrigatório para obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo, na Faculdade
Anísio Teixeira.

Orientadoras: Prof. Esp. Andréa da Silva Souza e
Profa. M^a. Daniela Costa Ribeiro.

FEIRA DE SANTANA, BA
JUNHO, 2021

O PAPEL DA MULHER NO RADIOJORNALISMO FEIRENSE: UM RECORTE SOBRE OS PROGRAMAS JORNALÍSTICOS DA FAIXA DA MANHÃ DA RÁDIO SOCIEDADE NEWS FM

Danielly da Silva Freitas¹ e Karol Pires Freitas²
Andréa da Silva Souza³ e Daniela Costa Ribeiro⁴

RESUMO

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2017, no rádio, apenas 20,5% dos cargos são ocupados por mulheres. A fim de apurar qual tem sido o papel feminino neste veículo em Feira de Santana (BA), este artigo apresenta um estudo de caso de programas matutinos da Rádio Sociedade News FM, com a aplicação de um questionário online e anônimo, direcionado às suas integrantes, com o objetivo de apurar se o veículo tem ou não contribuído para a igualdade de gênero.

Palavras-chave: Jornalismo. Gênero. Rádio feirense.

ABSTRACT

According to data from the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) of 2017, on the radio, only 20.5% of the positions are held by women. In order to find out what the female role has been in this vehicle in Feira de Santana (BA), this article presents a case study of morning programs from Rádio Sociedade News FM, with the application of an online and anonymous questionnaire, directed to its members, in order to determine whether or not the vehicle has contributed to gender equality.

Keywords: Journalism. Gender. Radio in Feira de Santana.

1 INTRODUÇÃO

Em 06 de abril de 1919, foi criada a primeira emissora radiofônica do Brasil, a Rádio Clube de Pernambuco e, há mais de 100 anos, este meio de comunicação passou a fazer parte da nossa realidade. Segundo Neurberger (2012), o rádio “acompanha a vida dos brasileiros nos centros cosmopolitas e na zona rural. Não há discriminação, não há uma só voz. Todos têm vez, seja pelas redes de emissoras que cobrem o território nacional, seja pelas ondas das rádios comunitárias de bairros”.

¹ Graduada em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), graduanda em Jornalismo pela FAT, mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). É radialista, redatora publicitária e atua como advogada. E-mail: difreitasproducoes@gmail.com.

² Assessora de comunicação e graduanda em Jornalismo. E-mail:dfdaniellyfreitas@gmail.com.

³ Orientadora. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), especialista em Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: andrea.silva@fat.edu.br.

⁴ Orientadora. Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mestra em Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), especializada em Gestão da Comunicação e Marketing Institucionais, especialização em MBA Coaching e Mentoring em andamento. E-mail: comunicacao@fat.edu.br.

Mas, na verdade, a discriminação está presente, de forma cotidiana, não só no rádio, bem como em outras mídias, principalmente no que se refere às desigualdades de gênero que ainda se perpetuam.

De acordo com o estudo “Mulheres no Jornalismo Brasileiro”, feito pela organização de mídia independente Gênero e Número, em parceria com a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI, 2017) e apoiado pelo *Google News Lab*, que entrevistou 477 mulheres jornalistas, 86,4% das respondentes admitiram já ter passado por pelo menos uma situação de discriminação de gênero no trabalho, enquanto somente 13,6% das profissionais não assinalaram tal experiência. O levantamento foi realizado entre jornalistas do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasília e São Paulo, locais em que se concentra o maior número de profissionais da área.

Além do preconceito, mulheres também são minoria na comunicação. Segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, aproximadamente 37% dos empregos ativos para jornalistas são ocupados por mulheres nos veículos midiáticos. No rádio, em especial, a desproporcionalidade entre gêneros é ainda mais significativa: apenas 20,5% dos cargos são ocupados por comunicadoras (SCARDOELLI, 2019).

O estado da Bahia também reflete a conjuntura nacional. Em uma matéria divulgada em março de 2020, pela Associação Baiana de Imprensa (ABI), algumas comunicadoras que atuam no estado da Bahia, entre elas, Manuela Avena (TV Aratu), Jéssica Senra e Luana Assiz (TV Bahia), compartilharam relatos sobre a discriminação sexista que enfrentam no âmbito profissional, materializada inclusive pela distribuição de pautas e cargos com base em estereótipos de gênero. As entrevistadas também afirmaram já ter sofrido assédio sexual e violência psicológica (GUEDES, 2020).

Partindo destas observações, embora possamos identificar, em um cenário nacional e estadual, dados quantitativos e qualitativos com relação às mulheres jornalistas, as informações relativas às profissionais da comunicação e, em especial, do radiojornalismo, ainda são incipientes, principalmente na cidade de Feira de Santana, Bahia. Em uma breve busca nos portais de pesquisa online, em que, normalmente, podemos ter acesso a uma multiplicidade de trabalhos desenvolvidos

na área, percebe-se que não existem dados quantitativos ou mesmo qualitativos sobre tal questão na cidade. Além de não constarem as informações procuradas, o único evento que atende, em parte, à temática e que aparece nas primeiras páginas destes sites é o “II Encontro de Mulheres Jornalistas de Feira de Santana” (ONOFRE, 2015), que ocorreu há mais de cinco anos, em dezembro de 2015.

Nesse sentido, este artigo apresenta um estudo de caso sobre qual seria o papel ocupado por estas profissionais nos programas jornalísticos da faixa da manhã, de segunda a sexta-feira, na Rádio Sociedade News FM, emissora radiofônica mais antiga de Feira de Santana, com quadros voltados majoritariamente para informações noticiosas (SOUZA, 2007).

O principal objetivo do trabalho é avaliar se tais programas do veículo em questão têm contribuído para a manutenção da desigualdade de gênero em seus quadros funcionais ou se, pelo contrário, têm desempenhado um papel enquanto agente de mudanças, na promoção da igualdade entre profissionais do gênero feminino, masculino e, eventualmente, de pessoas que se consideram não-binárias – isto é, não se identificam com apenas um dos gêneros (FACUNDO, 2021).

Além disso, objetiva-se abordar, sem pretensão de exaustão, a bibliografia relacionada a gênero e radiojornalismo, bem como aos aspectos teóricos do jornalismo e da comunicação enquanto ciência. Tratar de tais temáticas torna-se essencial para compreender as especificidades do objeto estudado, do contexto em que as fontes estão inseridas e da própria história do rádio feirense, sobretudo porque muitas informações ainda estão dispersas na coletividade e merecem ser devidamente documentadas, diante de sua importância sociocultural.

Para alcançar tais objetivos, urge ressaltar a importância dos estudos pioneiros de John Money sobre gênero (COLLING, 2008) e da relação com o feminismo trazida por mulheres pioneiras ou pesquisadoras do feminismo (MARTINEZ; LAGO; LAGO, 2016), como Eleni Varikas, professora de Ciência Política e de Estudos de Gênero, na Universidade de Paris-VIII (CARLOTO, 2001). No rádio, destaca-se o papel dos teóricos Ferrareto (2014); Chantler e Harris (1998); McQuail (2013); e Neuberger (2012).

Com relação ao jornalismo, os trabalhos de Pena (2005) e Traquina (2004) são extremamente importantes, assim como Silveira, Sangaletti e Wagner (2018) com relevantes lições introdutórias. Na pesquisa científica, as contribuições de Minayo (1994) e Gil (1999) também merecem atenção.

Apesar de existirem trabalhos sobre a presença feminina no jornalismo, estudos acadêmicos desenvolvidos sobre o papel das mulheres no contexto do rádio em Feira de Santana são mais escassos, sobretudo nos programas da emissora em tela, escolhidos como objeto de estudo. Recorrer à mera pesquisa bibliográfica tornaria o trabalho ainda mais complexo, podendo implicar, até mesmo, na ausência dos resultados tencionados.

Sendo assim, buscou-se aliar o método exploratório à pesquisa qualitativa, partindo para o estudo de caso (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), feito através de questionário, aplicado pela internet, na plataforma *Google Forms*, a fim de não expor as pessoas envolvidas no trabalho, considerando o contexto da pandemia do novo coronavírus, iniciada em 2020 e declarada pela Organização Mundial da Saúde (MOREIRA; PINHEIRO, 2020). O questionário foi respondido pelas profissionais de forma anônima, preservando suas identidades para evitar possíveis represálias.

Diante do caráter interdisciplinar da pesquisa, este artigo aborda, no segundo capítulo, noções introdutórias acerca do conceito de gênero, para tratar, posteriormente, na terceira parte, sobre o histórico e a inserção da mulher no radiojornalismo. E, devido à necessidade de adentrar no objeto de estudo com o devido embasamento científico, o quarto capítulo deste trabalho expõe a importância das teorias do jornalismo Organizacional e do *Newsmaking*, para a pesquisa. Finalmente, nos capítulos cinco e seis, há apresentação do estudo de caso e a discussão dos resultados obtidos.

A desigualdade de gênero, muitas vezes, é remetida às características biológicas entre homens e mulheres, usadas para justificar, durante muito tempo, papéis desempenhados durante séculos (LOURO, 2014). Por isso, faz-se necessário pontuar que não há uma “essência feminina” ou “masculina”, mas tais características são construídas socialmente, havendo, normalmente, uma supremacia do masculino (MATHIEU, 2009).

2 O CONCEITO DE GÊNERO

Assim como na trajetória do próprio rádio, as pesquisas em jornalismo convivem, desde o princípio, com a presença feminina e, conseqüentemente, com iniciativas pioneiras de estudos sobre as mulheres (MARTINEZ; LAGO; LAGO, 2016). Contudo, tais produções acadêmicas ainda são esparsas e, diferentemente de outras áreas, parecem não acompanhar a tendência dos estudos de Gênero que recorrem, cada vez mais, a outros campos do conhecimento para complementar seus resultados: pesquisas interdisciplinares que envolvem Comunicação aparecem em número muito menor com relação a outras disciplinas como Sociologia, História e Antropologia (LAGO; UZIEL, 2014). Portanto, considerando o caráter interdisciplinar deste trabalho, que perpassa por Jornalismo e Gênero, convém apresentar noções introdutórias acerca deste último conceito.

Para falar de gênero, primeiramente, é necessário refletir sobre o seu conceito e pontuar que, antes mesmo dos estudos feministas começarem a discutir sobre gênero, o termo foi mencionado, pela primeira vez, em 1947, pelo psicólogo infantil John Money que, mais tarde, desenvolveu tal noção clinicamente, com Anke Ehrhardt e John Hampson, para tratar da possibilidade de modificar hormonal e cirurgicamente o sexo de bebês “nascidos com genitais e/ou cromossomos que a medicina, com seus critérios visuais e discursivos, não podem classificar só como feminismos ou masculinos” (PRECIADO apud COLLING, 2008, p. 22), isto é, para tratar da mudança de sexo.

No entanto, foi, na realidade, com o feminismo, que o gênero passou a ser pensado como instrumento de análise para apontar as diferenças e hierarquias entre homens e mulheres, e também para desnaturalizar os próprios gêneros das pessoas (COLLING, 2008) – perspectiva que interessa ao desenvolvimento deste trabalho.

Ao se utilizar do conceito de gênero, emprestado das ciências da linguagem, as feministas postularam a necessidade de superar o sexo biológico, mais ou menos dado pela natureza, produto de uma construção social permanente e que molda as relações entre homens e mulheres. Assim, a noção de gênero adquire um “duplo caráter epistemológico”: como categoria descritiva da realidade, que concede nova

visibilidade para as mulheres, para retratar diversas maneiras de discriminação e opressão (VARIKAS apud CARLOTO, 2001).

Partindo da ideia de que a existência de gêneros seja a manifestação de uma distribuição desigual de responsabilidades na produção social da existência (CARLOTO, 2001), os reflexos das próprias relações de gênero, naturalmente, também tendem a ser desiguais. E é por este ângulo que podemos analisar como se estabelecem os vínculos e as relações de poder no cotidiano e na vida profissional, em especial, na área do radiojornalismo. Afinal, tais reflexões são essenciais para compreender quais os espaços ocupados por mulheres comunicadoras nestes programas e como estão estabelecidos os vínculos entre estas profissionais e seus colegas de trabalho, com o objetivo final de avaliar o papel que estes veículos têm exercido na promoção do equilíbrio ou manutenção de desigualdades de gênero.

3 MULHERES E RADIOJORNALISMO

Além da série de discriminações e do assédio sofridos pelas mulheres na comunicação (ABRAJI, 2017), estas profissionais também são minoria no setor, sobretudo no rádio, em que somente 20,5% dos cargos são ocupados por comunicadoras, segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, divulgada em 2017 (SCARDOELLI, 2019).

Conforme Ferrareto (2014), o rádio é, por definição, um meio dinâmico. Através dele, a notícia chega em tempo real para o ouvinte. O autor destaca que a informação passada no rádio deve ser clara, direta e objetiva, tendo em vista que esse é um veículo de comunicação de massa que engloba diversas classes sociais.

Chantler e Harris (1998) citam como habilidades exigidas pelo rádio, o “faro” para notícias, boa escrita, capacidade de adaptação às novas tecnologias, boa articulação para sair de situações inesperadas, capacidade de trabalhar sob pressão, estabilidade emocional para conseguir contar histórias alegres e, em seguida, cobrir uma tragédia. Contudo, em nenhum momento são citados gêneros específicos para determinar quais serão as habilidades e papéis desenvolvidos por cada radiojornalista

dentro da redação, de modo que não há justificativa para eventuais diferenças no tratamento dado às mulheres ou em sua contratação.

Para atuar no rádio brasileiro, assim como em outras profissões normalmente atribuídas ao gênero masculino, a mulher precisou enfrentar diversas barreiras, como o preconceito e o machismo (OLIVEIRA, 2017), tão arraigados histórica e culturalmente. Contudo, mesmo estando inserida neste meio de comunicação desde o surgimento da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, com a presença de Maria Beatriz Roquette-Pinto na programação (TAVARES, 2014), a trajetória do rádio revela que esse campo sempre foi ocupado, majoritariamente, pelos homens e as mulheres seguem como minoria (SCARDOELLI, 2019).

Entre os motivos para a reduzida presença da mulher no rádio está a ideia socialmente construída, durante muito tempo, de que determinadas tarefas estavam incumbidas ao gênero feminino: e o rádio não era uma delas. A mulher deveria se preocupar com o lar e a família, respeitando os papéis convencionados ao homem (MORGADO, 1987).

É importante destacar, inclusive, que, no início das atividades radiofônicas, estava em vigência o Código Civil de 1916, que considerava a mulher relativamente incapaz e sujeita ao domínio do pai ou marido, que tinham o poder de lhe autorizar (ou não) para a prática de qualquer ato na vida civil, como trabalhar, gerir e dispor de seus bens (CAMPOPIANO, 2016). E essa situação, que representou um grande atraso para a emancipação da mulher no mercado de trabalho brasileiro, perdurou até 1961. Só em 1962, com a promulgação do “Estatuto da Mulher Casada”, a lei nº 4.121, é que a legislação foi alterada, “igualando-a” ao marido (BANDEIRA; MELO, 2010). Materialmente, entretanto, a situação levou bastante tempo para se consolidar.

O rádio baiano e, especificamente, em Feira de Santana, também não se distanciou dessa conjuntura. Desde a ativação do primeiro transmissor local pela rádio A Pioneira, em 1949, que, mais tarde, deu origem à Rádio Sociedade de Feira, já se registrava a presença feminina. Maria Amélia Souza Gomes, esposa de Rosalvo Cunha – que recebeu, inicialmente, a função de operar o aparelho –, devido às constantes saídas do companheiro, foi quem assumiu a tarefa de forma definitiva, um

ano após a criação da emissora. Mais conhecida como “Dona Milu”, permaneceu no ofício até sua aposentadoria, em 1992 (PORTO, 2017)⁵.

Mas, apesar de já existirem, há algum tempo, âncoras, repórteres e comentaristas mulheres no rádio feirense, como Maria José Queiroz – identificada por Zadir Marques Porto, no livro “O Rádio AM em Feira de Santana”, como a primeira locutora da Rádio Sociedade – na obra em questão, que conta a história das rádios da faixa de Amplitude Modulada na cidade, responsáveis por originar a maior parte das emissoras em atividade no momento, apenas três personagens femininas são citadas. Além de Dona Milu e Maria José Queiroz, Maria Caponne, que era professora, atuou no trabalho religioso da empresa, pertencente à Obra dos Frades Capuchinhos, até 2014 (PORTO, 2017).

Todavia, vale constar que, mesmo não mencionadas, diversas mulheres já passaram e ainda passam pela Rádio Sociedade News. É possível citar Lourdes Rocha, no ar desde setembro de 2004, como âncora do programa da grade religiosa, “Amigos do Evangelho”, transmitido de segunda a sexta-feira, das 22 horas à meia noite (REIS, 2019). Além de Rocha, Antônia Serra também se faz presente desde novembro de 2014, como co-âncora no programa Canal Interativo, do radialista Roberto Rubens (ONOFRE, 2019), veiculado há quase 12 anos na emissora; e atua, desde 2018, como produtora e apresentadora de alguns quadros no “Boca de Forno News”, ancorado por Nivaldo Lancaster aos domingos, das seis às oito horas (BOCA..., 2021).

Na literatura examinada, a desigualdade nas ocupações dos papéis pode ser considerada uma questão de gênero, principalmente levando em consideração que os números da participação feminina em veículos tradicionais são mais baixos e se referem a um status ocupacional inferior, quando equiparado aos homens (GALLAGHER, et al. apud MCQUAIL, 2013). A sub-representação da mulher enquanto temática das matérias ou tratamento estereotipado nas notícias também é um fator negativo destacado por Denis McQuail (2013).

⁵ Após a apresentação deste Trabalho de Conclusão de Curso foi noticiado, no dia 24 de junho de 2021, o falecimento de Dona Milu, que trabalhou durante 65 anos na Rádio Sociedade News. (DALLAS, 2021).

Para Solnit (2017), a arrogância e a credibilidade confiada ao sexo masculino são fatores que dificultam a atuação da mulher em qualquer área, não só dentro do mercado de trabalho. Deste modo, as ideias preconcebidas além de impedirem as mulheres de falarem e ocuparem certos cargos, a exemplo de âncora ou proprietária de um programa de rádio, contribuem para reforçar que esses espaços não as pertencem, fazendo com que a ocupação feminina aconteça em posições inferiores e invisibilizadas, como a produção – que, apesar de ser fundamental, não tem o mesmo respaldo perante a audiência se comparado àqueles que são tidos como “a voz do programa”.

O estudo do conteúdo das notícias também é importante. Em seu livro "Teorias da comunicação de massa", McQuail (2013) traz algumas informações do relatório da Comissão Europeia (1999), ao citar estudos que mostram que apenas 17% das pessoas citadas ou entrevistadas na imprensa francesas eram mulheres – e a mesma proporção se seguia com relação à Finlândia (22%) ou Reino Unido (13%).

Outro dado importante trazido pelo autor é o fato de que, apesar de o senso comum ter uma visão de que uma maior igualdade no trabalho midiático faria diferença no conteúdo produzido, as evidências são frágeis. Para Baehr (apud MCQUAIL, 2013), as decisões sobre matérias são muito mais influenciadas por necessidades financeiras do que, de fato, por escolhas pessoais.

McQuail (2013) também aborda a existência de um certo temor de que o aumento de mulheres no mercado jornalístico possa interferir na produção de notícias e na transmissão de conteúdos para a audiência de maneira “feminizada”, uma vez que o gênero sempre interage com o contexto organizacional. Entretanto, também não há comprovação para tal pensamento: os indícios de influência direta do gênero na redação são muito limitados (ARMSTRONG; CRAFT e WANTA; STEINER apud MCQUAIL, 2013).

Em nosso país, já existem pesquisas que procuram analisar se houve mudança no processo de produção jornalística após a chamada “feminização do jornalismo” (ROCHA; DANCOSKY, 2019) – apesar de não haver, como nos estudos mencionados por McQuail (2013), um aprofundamento estatístico. Mas as conclusões têm sido semelhantes: a mera paridade entre mulheres e homens não é capaz de conduzir,

automaticamente, à igualdade de condições ou isonomia das condutas organizacionais (LELO, 2019) e ainda há uma predominância de fontes masculinas nos discursos jornalísticos (ROCHA; DANCOSKY, 2019).

Todavia, existem poucos estudos qualitativos e quantitativos detalhados sobre jornalismo e gênero no contexto brasileiro, fazendo com que muitos pesquisadores tenham que recorrer à literatura internacional acerca do tema. Em Feira de Santana, essa realidade é ainda mais gritante e, por isto, a importância de mais pesquisas a serem desenvolvidas neste segmento.

4 UMA ANÁLISE SOB O PRISMA DAS TEORIAS ORGANIZACIONAL E DO NEWSMAKING

Compreender como as relações de gênero e poder operam no objeto de estudo em questão exige, além do estudo de caso, dados fornecidos pela pesquisa em teorias integradoras que expliquem os fenômenos acima elencados, com base no que Sousa (2002) chama de “leis gerais predictivas”, a fim de, muito mais do que lhe conferir algum grau de seriedade, garantir a sua cientificidade.

Traquina (2004) considera o jornalismo como uma atividade intelectual necessária para a existência da democracia. A prática jornalística reconhecida no momento atual é originária do século XIX, com o desenvolvimento e expansão do primeiro meio de comunicação de massa, a imprensa. É ainda nesse período que os principais valores jornalísticos, como a busca pela verdade, independência, objetividade, a informação como serviço público, surgem.

A notícia, principal produto ofertado pelo jornalismo contemporâneo, tem a verdade como matéria-prima essencial para a construção das narrativas levando em conta que a transmissão de acontecimentos ou relato de personagens ficticiais pode ser tida como um pecado e o fim da carreira de um jornalista, uma vez que a credibilidade é um requisito importante para efetuar a prática jornalística (TRAQUINA,2004).

Mas também se faz necessário, aqui, abordar o Jornalismo enquanto parte integrante da Comunicação Social, inserida no campo das ciências sociais aplicadas,

tendo como objeto de estudo os meios de comunicação de massa (MEDINA, 2006) e a comunicação organizacional (REGO, 1984). O que torna imperiosa a discussão de conceitos e teorias do jornalismo que possam facilitar a compreensão da prática jornalística e do objeto de estudo.

Silveira (2018) traz diversos conceitos de jornalismo, entretanto, sintetiza que o ponto comum está na transmissão de informações de interesse geral a um determinado público. Dessa maneira, o jornalismo poderia ser classificado em três gêneros: o informativo, quando envolve apenas a informação; o opinativo que expressa a opinião do jornalista sobre um determinado ponto de vista; e o interpretativo quando o aprofundamento da notícia é dado mediante investigação. As duas últimas classificações permitem uma maior subjetividade.

O jornalismo está intimamente ligado aos meios de comunicação de massa, logo é possível afirmar que o radiojornalismo é uma subárea dessa atividade, assim como o telejornalismo, fotojornalismo e o jornalismo digital (SILVEIRA, 2018). Entretanto, cada meio possui uma linguagem, um fluxo específico que se adequa ao formato do veículo e à audiência – por isso a importância de analisarmos os programas da rádio em questão, uma vez que existem um formato e organização próprios.

A forma de observação aqui pretendida, da rotina e divisão de trabalho dentro da emissora radiofônica e de como as mulheres avaliam a cobertura jornalística feita pelos veículos em que atuam, a respeito do gênero, se perfilha a uma análise sob o prisma das Teorias Organizacional e do *Newsmaking*.

Para compreender o funcionamento e como estão distribuídas as ocupações das redações nos programas da rádio feirense em questão, faz-se necessário o entendimento de conceitos da Teoria Organizacional que, segundo Traquina (2004), encaixa o jornalista dentro da organização em que trabalha. De maneira geral, as normas dos veículos estavam acima de valores pessoais do jornalista. Com isso, as notícias e o fluxo de produção seriam comandados não por fatores subjetivos do profissional, mas de acordo com a estrutura da empresa.

Deve-se analisar o contexto delineado, ainda, a partir da Teoria do *Newsmaking*, que se encarrega de pesquisar como as rotinas de produção e

organização da atividade jornalística influenciam na construção da notícia (PEÑA, 2013). Baseada no paradigma da construção social da realidade (PENA, 2005), a produção do programa de rádio também é consequência da rotina industrial da redação, que divide as atividades entre pauteiros, repórteres, redatores, editores, diretores, coordenadores e outros agentes da redação.

Partindo destas observações, resta evidente a necessidade de se recorrer não só à teoria e prática do jornalismo, como também à teoria e prática da história, uma vez que esta pode ser fundamental para complementar os estudos jornalísticos, por se preocupar com razões, causas e porquês dos fenômenos – o que pode levar os trabalhos acadêmicos a outro patamar, permitindo uma interpretação das razões de uma determinada ação social, a partir da subjetividade do pesquisador (BARBOSA, 2005).

Além disso, considerando que o estudo tem como um de seus objetivos identificar como estas jornalistas avaliam a cobertura da emissora em que trabalham, em matérias relativas à perspectiva de gênero e como se percebem, nessa estrutura, dentro das relações de gênero e poder na profissão, percebe-se a possibilidade do que Ferreira (2002) chama de “antropologização”, a partir da análise do discurso, que permite examinar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos vinculados aos produtos culturais (FERREIRA, 2014), isto é, das notícias, no caso em comento.

5 MULHERES NO CONTEXTO DA RÁDIO SOCIEDADE NEWS FM

Diante da escassez de produções acadêmicas sobre o papel femininos nas rádios escolhidas como objeto de estudo, adotou-se uma abordagem qualitativa e exploratória. O primeiro enfoque se justifica pela necessidade de combinar informações relativas à natureza dos cargos ocupados por estas mulheres na Rádio Sociedade News FM e de registrar a opinião destas comunicadoras a respeito das questões de gênero que envolvem o seu contexto de trabalho, aliadas à coleta de dados sobre o número de funcionários em cada uma delas e a proporção entre os gêneros.

Recorre-se, ainda, à pesquisa exploratória, com levantamento bibliográfico (GIL, 2007), sem pretensão de exaustão, a fim de enriquecer o trabalho com literatura relacionada a gênero, radiojornalismo e às teorias Organizacional e do *Newsmaking*, que melhor se perfilham ao método adotado – por visualizar o jornalista dentro da organização em que trabalha (TRAQUINA, 2004) e se encarregar de pesquisar como se dão as rotinas de produção e organização da atividade jornalística notícia (PEÑA, 2013), respectivamente.

Em razão da pandemia da COVID-19 em 2021, o desenvolvimento do estudo foi diretamente afetado e a pesquisa de campo, considerada por muitos autores como a abordagem ideal para a pesquisa qualitativa (MINAYO, 1994), teve de ser descartada. Sendo assim, o desenvolvimento do estudo foi dividido em três fases: a coleta de dados, que compreendeu a revisão bibliográfica, montagem do novo instrumento de coleta, bem como a aplicação propriamente dita, sempre buscando uma aproximação da investigação histórica; a organização; e a análise dos dados.

O instrumento de coleta escolhido foi um questionário/entrevista, com 18 indagações, aplicado por meio da plataforma *Google Forms* e respondido pelas profissionais da emissora de forma anônima, a fim de preservar suas identidades e evitar quaisquer represálias, uma vez que há a abordagem de opiniões pessoais acerca de critérios de contratação nos programas da emissora, quanto à forma com que a mulher é retratada nas matérias veiculadas e temas ainda mais sensíveis como assédio, discriminação e diferenças salariais.

Antes da apresentação dos resultados, contudo, faz-se necessária uma breve contextualização, com informações acerca dos programas da faixa de horário da manhã, de segunda a sexta-feira, da Rádio Sociedade News FM que, hoje, operam em regime de arrendamento. A programação é composta pelos matutinos “Acorda Cidade”; “Programa da Manhã”; “Nas Ruas e na Polícia”; e “Levante a Voz”.

Todos estes programas compõem o veículo antes mesmo que ele fizesse a transição para a Frequência Modulada e deixasse de ser apenas a “Rádio Sociedade AM 970” para dar lugar à atual “Rádio Sociedade News FM”. Mas, mesmo após a mudança de frequência, em janeiro de 2018, suas linhas editoriais não sofreram alterações. Embora tenha passado por modificações, a rádio também mantém como

característica básica a notícia, além da programação musical e religiosa (RIBEIRO, 2018).

5.1 ARRENDAMENTO PARCIAL DA PROGRAMAÇÃO

O rádio opera sob regime de concessão pública: a Constituição Brasileira estabelece que cabe à União (governo federal) explorar diretamente ou mediante concessão os serviços de rádio e TV. Sendo assim, a empresa detentora de uma concessão de rádio ou de televisão, conhecida por concessionária, não é dona daquele canal, mas está apenas autorizada a explorá-lo por tempo determinado. E, portanto, o concessionário está sujeito à fiscalização do poder público (MORAES, 2007). A concessão dos serviços de radiodifusão no Brasil está regulamentada pelo decreto nº 52.795 de 1963.

Entretanto, muitas vezes, a programação destas emissoras é arrendada, isto é, tem sua responsabilidade repassada a terceiros, de forma total ou parcial. Na primeira situação, o arrendatário assume o controle administrativo, financeiro e da programação da emissora. Já no segundo caso, somente a programação total ou parcial fica nas mãos do arrendatário, mas a gestão continua sob comando do concessionário (PINHEIRO; LIMA; MARQUES, 2010).

Embora se trate de uma concessão pública, certamente uma subconcessão deveria passar por análises técnicas, jurídicas e políticas, além de ser necessária uma decisão do poder público sobre as regras a serem aplicadas, conforme a Lei nº 8.987 de 1985, que trata do regime de concessão e permissão da prestação de serviços públicos. Todavia, este acompanhamento raramente ocorre e, hoje, o arrendamento é considerado irregular por muitos juristas, que acreditam que o Ministério das Comunicações deveria impor sanções a emissoras que terceirizam sua programação, por ser uma espécie de subconcessão, uma vez que elas fazem um negócio em um espaço que não pertence a elas, mas ao povo (ARRENDAMENTO..., 2012).

Mas, como não existe proibição explícita de arrendamento na própria legislação de radiodifusão, ele tem sido feito de forma recorrente e também ganhou seu espaço na Rádio Sociedade News FM que, apesar de ter programas totalmente sob controle

da própria Superintendência da Fundação Santo Antônio, grupo ao qual pertence a emissora, possui diversos programas terceirizados, incluindo todos da programação da manhã estudados.

Isto é: os responsáveis pela distribuição das mulheres entrevistadas nos cargos ocupados são os próprios coordenadores/gestores dos programas analisados, e não a direção da Rádio – o que implica na existência de critérios múltiplos para sua contratação ou participação.

5.2 ACORDA CIDADE

O programa “Acorda Cidade”, que foi criado em 1996 pelo radialista e jornalista Dilton Coutinho, é veiculado de segunda-feira a sábado, das seis às oito horas. Inicialmente com uma pequena equipe e meia hora de programação, tinha o objetivo de atender as necessidades da comunidade local e transmitir informações para todas as classes sociais de Feira de Santana e região. Além do seu caráter comunitário, hoje apresenta um conteúdo jornalístico mais abrangente e trata de temas diversos como esporte, cultura, literatura, assim como música, aos sábados (JORNALISMO..., 2011).

Hoje, sua redação também conta com um espaço na internet, que se tornou um portal de notícias de referência na Bahia. Entretanto, esta pesquisa tem como foco apenas as mulheres integrantes do programa radiofônico, que é o objeto de estudo.

5.3 PROGRAMA DA MANHÃ

A faixa das nove às dez horas, de segunda a sexta, hoje é ocupada pelo “Programa da Manhã”, que opera sob o comando do radialista Tanúrio Brito. O pernambucano, radicado em Feira de Santana, integra os quadros da Rádio Sociedade desde 1979, quando ainda era AM (SOUZA, 2007) e, há 27 anos, é o principal âncora deste programa de variedades que, além do jornalismo comunitário, coloca-se a serviço da sociedade (NASCIMENTO JÚNIOR, et al., 2020), trazendo

conteúdos de caráter cultural, literário e até religiosos. O programa também possui mulheres em seu quadro funcional.

5.4 NAS RUAS E NA POLÍCIA

Apresentado pelo radialista Aldo Matos, que também integra a equipe de reportagem policial do “Acorda Cidade”, o programa “Nas Ruas e Na Polícia” está no ar há mais de 12 anos. Matos está na profissão há mais de 40 anos e atua, há 31 deles, com reportagens no setor policial (DOIS..., 2016). Seu programa, que acompanha a ocorrência de crimes em Feira de Santana e região, vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 10 às 11 horas, e não conta com qualquer integrante mulher.

5.5 LEVANTE A VOZ

Inicialmente, “Levante a Voz” era um quadro dentro de outro programa, o “Linha Direta com o Povo”, que ia ao ar de segunda a sexta, das 11 às 13 horas. Este programa, veiculado há quase 28 anos, tinha como âncora o radialista e advogado Dilson Barbosa que recebeu em sua equipe o jornalista santo-antoniense Luiz Santos e, posteriormente, Fernando Moreira e Fabrício Almeida (BARBOSA, 2015). Há cinco anos, contudo, o quadro “Levante a Voz” cresceu e desmembrou-se do “Linha Direta com o Povo”, que ficou com o horário de 12 às 13 horas, também de segunda a sexta, sendo ancorado por Fernando Moreira. Barbosa tornou-se comentarista.

O programa “Levante a Voz”, ancorado por Luiz Santos e pelo radialista Nivaldo Lancaster, transformou-se em um programa jornalístico, tendo como principal objetivo a prestação de serviços à comunidade, abordando fatos econômicos, sociais políticos, policiais, educacionais, esportivos e comportamentais, com reportagens locais, regionais e nacionais. Apesar de já ter contado com a presença feminina em seu quadro, hoje sua equipe é formada apenas por homens, tendo comunicadoras apenas de forma esporádica – e uma participação eventual, que não envolve uma rotina diária, não interessa a este trabalho.

5.6 O PAPEL FEMININO NESTES PROGRAMAS

Como forma de proteger a identidade das mulheres entrevistadas, neste artigo, não haverá a apresentação dos resultados de maneira pormenorizada, de forma que não se identifique a qual desses programas as comunicadoras estão vinculadas, uma vez que, nos programas operados de segunda a sexta-feira, na faixa da manhã da Rádio Sociedade News FM, existem poucas profissionais do gênero feminino.

O questionário contou com questões de múltipla escolha, mas também outras abertas, que davam margem para que as profissionais pudessem narrar fatos considerados relevantes e esboçassem suas opiniões acerca do trabalho, de seus colegas e do veículo, de maneira geral. Em sua aplicação, foi respondido por todas as cinco mulheres integrantes dos programas analisados, e observou-se que 100% deles têm homens como diretores/coordenadores que são, conforme já abordado, os arrendatários. Dos quatro programas que operam neste período (“Acorda Cidade”; “Programa da Manhã”; “Nas Ruas e na Polícia”; e “Levante a Voz”), somente dois têm a equipe composta por mulheres. Em um destes, a proporção entre gêneros é igualitária e, no outro, de três profissionais, duas são mulheres.

De cinco entrevistadas, apenas uma, que é graduada em Jornalismo e Publicidade e Propaganda, exerce a função de co-âncora. Das outras quatro, uma é estagiária de Jornalismo; uma delas, mesmo ainda sendo estudante de Jornalismo, foi elevada à condição de produtora; e as outras duas entrevistadas não são formadas na área de Comunicação, sendo que uma exerce a atividade de coordenadora de testemunhais e a outra é telefonista⁶.

Além disso, embora tenham estas tarefas predefinidas, as profissionais costumam fazer “de tudo, um pouco” dentro do veículo, a exemplo da comunicadora que exerce papel de co-âncora e faz a produção; outra, que é produtora e também apresenta alguns quadros no programa; a telefonista também realiza tarefas de

⁶ Na redação de um programa de rádio, podem existir múltiplos cargos ou funções, exercidas ou não por mais de uma pessoa. Além de radialistas – que nem sempre são formados em Comunicação Social ou Jornalismo, e podem ser âncoras, locutores, repórteres ou apenas comentaristas –, existe todo um trabalho de bastidores. Além da (o) responsável pela Produção das reportagens e da pauta (que geralmente são a mesma pessoa), podem existir assistentes de produção, como telefonistas, secretárias (os), motoristas, dentre outros (RIO DE JANEIRO, 2003).

produção; e a coordenadora de testemunhais, que também exerce atividades como secretária. A estagiária, por sua vez, se apresenta na rádio *web* vinculada a um dos programas.

Analisando como é dividida a rotina produtiva dentro desses programas, percebemos que apenas uma das mulheres entrevistadas ocupa a posição de co-âncora, enquanto as demais estão trabalhando em áreas mais voltadas para os bastidores, como a produção, a assistência ou sequer têm formação acadêmica em Jornalismo. No entanto, as participantes acreditam que a pouca quantidade de mulheres na posição de âncoras não seja uma realidade somente da cidade de Feira de Santana, apesar de nunca terem atuado fora da cidade, na área do rádio.

Das mulheres entrevistadas, 40% acreditam que, nas rádios em geral, há uma preferência pela voz masculina para ocupar papéis de locutores ou âncoras. A imponência da voz, o reconhecimento e a confiança são fatores citados para tal ocorrência. Apesar disso, 40% das comunicadoras relataram não acreditar que exista algum parâmetro específico para a seleção de mulheres que vão integrar a equipe. As demais mencionaram competência, compromisso, responsabilidade e habilidades básicas no campo jornalístico como possíveis critérios.

Ao serem questionadas se estariam de acordo com o percentual de mulheres em postos de destaque no rádio local, a maioria respondeu que deveria haver mais oportunidades para as profissionais do gênero feminino, por acreditarem que existem muitas profissionais competentes que “aguardam uma chance para mostrar suas aptidões”.

Sobre a representatividade nas matérias feitas sobre o gênero feminino todas responderam que gostavam e se sentiam representadas, seja pelo fato de em nenhum momento a mulher ser retratada como fraca; pela autonomia que têm para divulgar matérias que enaltecem as mulheres; ou pela existência do respeito e credibilidade.

Com relação à cobrança profissional dentro da equipe, todas as comunicadoras relataram que não há distinção entre os gêneros, pois a cobrança é feita forma mútua. O sentimento de valorização das mulheres dentro da equipe também foi unânime.

Porém, 60% das mulheres responderam que já sentiram algumas vezes que seus colegas de trabalho (homens) tentaram ou insistiram em explicar algo que elas

sabiam mais do que eles e 80% já teve sua fala interrompida por colegas de trabalho do gênero masculino em determinados momentos⁷.

Algumas mulheres (40%) também contaram já ter sofrido algum tipo de assédio (moral, sexual, psicológico, dentre outros) em razão do exercício da sua profissão, a exemplo do assédio moral, da desqualificação apenas por ser mulher, com piadas machistas ressaltando a beleza no lugar do trabalho e “cantadas” ou “elogios” de fontes que visitavam o programa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, discutimos o papel ocupado pelas mulheres no radiojornalismo feirense, tendo como objeto de estudo os programas da faixa da manhã da Rádio Sociedade News FM. Após levantamento bibliográfico e aplicação dos questionários às profissionais do quadro funcional dos programas em questão que, aliás, são arrendados, é evidente que ainda não há um espaço totalmente consolidado para atuação das mulheres neste veículo, uma vez que apenas uma das cinco entrevistadas tem, literalmente, voz, ocupando a função de co-âncora (e, mesmo assim, ao lado de um homem).

É necessário registrar, ainda, que mesmo sendo titulares de cargos, a princípio, bem definidos, como já vimos, as profissionais entrevistadas exercem mais de uma função. O excesso de tarefas e a alegação de falta de tempo, inclusive, foram os grandes responsáveis pela demora da maioria das mulheres em responder às perguntas propostas – o que provocou um atraso no cronograma deste trabalho.

O fato de que as mulheres compõem 51,8% da população brasileira (IBGE, 2019) não muda a realidade desigual em que estão inseridas no rádio, conforme observamos na revisão bibliográfica e na própria aplicação dos questionários. A maioria das mulheres ouvidas ocupam funções nos bastidores e, quando podem falar,

⁷ Estes comportamentos têm sido descritos pelas expressões da língua inglesa *mansplaining* e *manterrupting*. O primeiro ocorre quando um homem explica coisas óbvias à mulher, frequentemente com um tom paternalista, como se ela não fosse intelectualmente capaz de entender algo. Já *manterrupting* acontece quando homens interrompem falas de mulheres (REINF, 2019).

o tempo é muito menos expressivo, com relação ao elenco de homens do quadro funcional.

Nesse contexto, faz-se necessário discordar da afirmação de Neuberger (2012), de que no rádio todos teriam “vez”, porque se assim fosse, todos os programas analisados teriam mulheres ocupando função consideradas relevantes na estrutura organizacional e o papel de âncora não seria apenas de uma mulher entre as poucas que trabalham na emissora neste período.

A diversidade de gênero, não só no rádio, mas em todos os veículos de comunicação, é essencial ao jornalismo. Quanto maior a representatividade e pluralidade social, maior a identificação do público (GALDINO, 2018), bem como maior a contribuição do jornalismo para a emancipação feminina de fato, que vai muito além do mero reconhecimento legal.

Por outro lado, mesmo que a representação ainda não seja totalmente igualitária ou ideal, considerando que os homens ocupam majoritariamente posições de destaque e poder nas equipes avaliadas, é necessário destacar que algumas entrevistadas também reconhecem que houve avanço na inserção das mulheres nas emissoras radiofônicas. Também podemos afirmar que estes programas acompanhados, que atribuem alguma ocupação às mulheres, estão se portando como agente de mudanças para promoção da igualdade entre os gêneros, tendo em vista que 50% dos veículos nesta faixa da manhã são formados apenas por profissionais homens.

Com esta pesquisa espera-se que as indagações propostas despertem a possibilidade de mais e novos estudos sobre mulheres no radiojornalismo em Feira de Santana, dentro da perspectiva de gênero. Pois, fica nítida a escassez de informações locais e ausência do protagonismo feminino neste veículo.

REFERÊNCIAS

ABRAJI. **Mulheres no Jornalismo Brasileiro**. Mulheres no jornalismo, 2017.

Disponível em:

<https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf>. Acesso em: 16 de out. 2020.

ARRENDAMENTO já é irregular e deve ser coibido. **Intervozes**, 04 jun. 2012. Disponível em: <<https://intervozes.org.br/arrendamento-ja-e-irregular-e-deve-ser-coibido/>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete Pereira de. Tempos e Memórias: **Movimento Feminista no Brasil**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010. Disponível em: <http://www.mulheres.ba.gov.br/arquivos/File/Publicacoes/TemposeMemorias_MovimentoFeministanoBrasil_2010.pdf>. Acesso em: 29 out. 2020.

BARBOSA, Dilson. Linha Direta com o Povo é mais ágil e moderno. **Bom dia Feira**, Feira de Santana, 07 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.bomdiafeira.com.br/noticias/1454/linha-direta-com-o-povo-mais-agil-e-moderno.html>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

BARBOSA, Marialva. O que a história pode legar aos estudos de jornalismo. **Contracampo**, n. 12, 2005, p. 51-62. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17385/11022>> Acesso em: 29 out. 2020.

BIANCHI, Graziela Soares; BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de. Que espaços elas ocupam no radiojornalismo sulmanhense?. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO - CRÍTICA DE MÍDIA, 8, 2016, Curitiba. **Anais do VIII ENPECOM - Encontro de Pesquisa em Comunicação**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016. p. 130-141. Disponível em: <http://www.enpecom.ufpr.br/anais/2016/anais_2016.pdf> Acesso em: 26 out. 2020.

BOCA de Forno. **Folha do Norte**, Feira de Santana, 12 mai. 2021. Disponível em: <<http://www.folhadonortejornal.com.br/boca-de-forno/>>. Acesso em 24 jun. 2021.

CAMPOPIANO, Letícia. Tratamento da mulher no Código Civil de 1916 e no de 2002. **JusBrasil**, 2016. Disponível em: <<https://lecampopiano24.jusbrasil.com.br/artigos/339145700/tratamento-da-mulher-no-codigo-civil-de-1916-e-no-de-2002>> Acesso em 30 out. 2020.

CARLOTO, Cássia Maria. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Serviço Social em Revista**, v. 3, n. 2, jan-jun, 2001, p. 201-213. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n2v3.pdf>> Acesso em: 29 out. 2020.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. Tradução e consultoria técnica: Laurindo Lalo Leal Filho. São Paulo: Summus, 1998 (Coleção novas buscas em comunicação, v. 57). ISBN 978-85-323-0580-0.

COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação à Distância, 2018. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30887/1/eBook%20-%20Genero%20e%20Sexualidade%20na%20Atualidade.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2020.

DALLAS, Gabriel. Rádio Sociedade lamenta falecimento da primeira mulher a trabalhar na emissora. **Boca de Forno News**, Feira de Santana, 24 jun. 2021. Disponível em: <<https://bocadefornonews.com.br/noticia/6177/radio-sociedade-lamenta-falecimento-da-primeira-mulher-a-trabalhar-na-emissora>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

DOIS pontos com Aldo Matos. Produção de Elsimar Pondé. **TV Olhos D'Água - TV UEFS**, Feira de Santana, 2016. Youtube, 13 abr. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/ghW7ljl-dA>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

FACUNDO, Matheus. Entenda o que é uma pessoa não-binária, identidade de gênero revelada por Bárbara Paz e Demi Lovato. **Diário do Nordeste**, 28 mai. 2021. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/entenda-o-que-e-uma-pessoa-nao-binaria-identidade-de-genero-revelada-por-barbara-paz-e-demi-lovato-1.3091378>>. Acesso em 01 jun. 2021.

FERRARETO, Luiz Arthur. **Rádio [recurso eletrônico]: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERREIRA, Giovandro Marcus. **Contribuições da análise do discurso ao estudo de jornalismo**. Rio de Janeiro, XI COMPOS, 2002. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/pagina.php?menu=8&mmenu=0&fcodigo=707>>. Acesso em 29 out. 2020.

_____; TERSO, Tâmara Caroline Almeida. Posicionamento discursivo, violência e cidadania: A construção do “Caso New Hit” no portal de notícias G1 Bahia. **Mídia e Cotidiano**, n. 5, 2014. p. 1-21. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/download/9724/6850>> Acesso em 29 out. 2020.

GALDINO, Melissa. A escassez de jornalistas negras na bancada do telejornalismo brasileiro. In: SANTOS, Marli dos; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa (Orgs.). **Mulheres no Jornalismo: Práticas Profissionais e Emancipação Social**. São Paulo: Casper Líbero, 2018. p. 33-53. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2018/10/Mulheres-no-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2020.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUEDES, Joseanne. Comunicadoras baianas falam sobre barreiras e exigem respeito. **Associação Bahiana de Imprensa**, 2020. Disponível em: <<https://abi-bahia.org.br/comunicadoras-baianas-falam-sobre-barreiras-e-exigem-respeito/>> Acesso em: 26 out. 2020.

HEILBORN, Maria Luíza.; SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (Org.). **Que ler na Ciência Social Brasileira**. São Paulo: Sumaré, 1999. p. 183-221. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/102_653_EstudosdeGeneroBrasil1.pdf> Acesso em 03 nov. 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Conheça o Brasil – População**: Quantidade de Homens e Mulheres, IBGE Educa, 2019. Disponível: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html#:~:text=Segundo%20dados%20da%20PNAD%20Cont%C3%ADnu.51%2C8%25%20de%20mulheres>> Acesso em 11 mai. 2021.

JORNALISMO comunitário: Programa Acorda Cidade completa 15 anos. **Acorda Cidade**, 08 jan. 2011. Disponível em: <<https://www.acordacidade.com.br/noticias/70490/jornalismo-comunitario-programa-acorda-cidade-completa-15-anos.html>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

LAGO, Mara C. S.; UZIEL, Anna Paula. Intersecções: Psicologia e Estudos de Gênero na Revista Estudos Feministas (2003-2014). **Labrys**, v. 26, p. 1-10, 2014. Disponível em: <<https://www.labrys.net.br/labrys26/psy/mara.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

LELO, Thales Vilela. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 1-14, jun., 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v27n2/1806-9584-ref-27-02-e54225.pdf>>. Acesso em 06 nov. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARTINEZ, Monica; LAGO, Cláudia; LAGO, Mara C. S. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. **Revista Famecos**: mídia cultura e tecnologia, v. 23, n. 2, jun-ago 2016. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22464/14180>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

MARTINS, Ana Paula. O sujeito "nas ondas" do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. **Revista Café com Sociologia**, v. 4, n. 1, jan-abr., 2015, p. 231-245. Disponível em: <<https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/443/pdf1>>. Acesso em 03 out. 2020.

MATHIEU, Nicole-Claude. Sexo e gênero. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo, SP: UNESP, 2009, p. 222 – 231.

MCQUAIL, Denis. **Teorias da comunicação de massa**. Trad. Roberto Cataldo Costa. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. ISBN 9788565848350. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565848350/>> [Minha Biblioteca]. Acesso em: 03 nov. 2020.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento em três sociedades primitivas**. Trad. Rosa R. Krausz. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. Disponível em: <<http://ea.ffmpeg.usp.br/content/sexo-e-temperamento-em-tres-sociedades-primitivas>> Acesso em 03 nov. 2020.

MEDINA, Daniel do Rosário. **Mediatização da comunicação política**. Media, política e comunicação - a negociação do poder. Universidad Santiago de Compostela, 2006.

MORAES, Geórgia. Especial Concessões 1 - Entenda o que é uma concessão de rádio e de TV (06'08"). **Rádio Câmara**, Brasília, nov. 2007. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/radio/programas/292353-especial-concessoes-1---entenda--o-que-e-uma-concessao-de-radio-e-detv--06-08---#:~:text=O%20que%20a%20maioria%20dos,servi%C3%A7os%20de%20r%C3%A1dio%20e%20TV>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

MOREIRA, Ardilhes; PINHEIRO, Lara. OMS declara pandemia de coronavírus. **G1**, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso em 01 jun. 2021.

MORGADO, Belkis. **A solidão da mulher casada**: um estudo sobre a mulher brasileira. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

MULHERES e pretos recebem salários menores na Bahia, diz IBGE. **Correio**, 2020. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mulheres-e-pretos-recebem-salarios-menores-na-bahia-diz-ibge/#:~:text=Entre%202018%20e%202019%2C%20na,6%25%20menos%20que%20os%20homens>>. Acesso em: 09 out. 2020.

NASCIMENTO JÚNIOR, Reginaldo, et al. **Documentário Companheiro das Manhãs - TCC de Jornalismo - 2019.2 - FAT**. Youtube, 13 dez. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/WUcVh-ZLI_8>. Acesso em: 01 jun. 2021.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O Rádio na Era da Convergência das Mídias**. Cachoeira: Editora UFRB, 2012.

OLIVEIRA, Edileusa Martins de. **Mulheres Jornalistas**: histórias, memórias e vidas. 2017. 75 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Centro de Comunicação, Cultura e Artes - CCTA, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12622/1/Arquivototal.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2021.

ONOFRE, Jair. II Encontro de Mulheres Jornalistas de Feira de Santana. **Bahia na Política**, Feira de Santana, 11 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.bahianapolitica.com.br/noticias/42436/ii-encontro-de-mulheres-jornalistas-de-feira-de-santana.html>>. Acesso em: 09 out. 2020.

_____. Radialista Roberto Rubens, 55 anos de rádio na Bahia. **Bahia na Política**, Feira de Santana, 25 jul. 2019. Disponível em: <<http://www.bahianapolitica.com.br/noticias/81154/radialista-roberto-rubens-55-anos-de-radio-na-bahia.html>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

PAGLIOSA, Lidiane; HERMES, Dirceu. O Rádio em Chapecó - SC: um mercado ainda predominado por homens diante da frágil participação feminina. In: **Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, 31 de maio a 02 de junho de 2018. Cascavel: Intercom, 2018. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1585-1.pdf>> Acesso em: 14 out. 2020.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

PEÑA, Raúl Alberto Acosta. Producción y circulación de la noticia: el newsmaking. **Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 123, p. 64-75, 2013. Disponível em <<http://www.revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/download/55/67>>. Acesso em: 14 out. 2020.

PINHEIRO, Andréa; LIMA, Nonato; MARQUES, Paula. Panorama do Rádio em Fortaleza.. In: **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul**, 02 a 06 de setembro de 2010. Caxias do Sul: Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0130-1.pdf>> Acesso em: 01 jun. 2021.

PORTO, Zadir Marques. **O Rádio AM em Feira de Santana**: sua história. Feira de Santana: EMGRAF, 2017.

REGO, Torquato do; GAUDÊNCIO, Francisco. **Jornalismo empresarial**: teoria e prática. Summus Editorial, 1984.

REINF, Laura. Macho palestrinha: entenda o que é mansplaining e manterrupting. **Revista AzMina**, 21 ago. 2019. Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/mansplaining-e-manterrupting-o-que-e-e-de-onde-vem-os-terminos/#:~:text=O%20mansplaining%20acontece%20quando%20um,homens%20interrumpem%20falas%20de%20mulheres>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

REIS, Taiuri. Programa Amigos do Evangelho completa 15 anos no ar e estreia novos quadros. **De Olho na Cidade**, Feira de Santana, 17 set. 2019. Disponível em: <<https://www.deolhonacidade.net/noticias/70438/programa-amigos-do-evangelho-completa-15-anos-no-ar-e-estreia-novos-quadros.html>>. Acesso em 24 jun. 2021.

RIBEIRO, Tamires. Rádio Sociedade News 102.1 FM já está funcionando; confira entrevista com superintendente. **Bom dia Feira**, 22 jan. 2018. Disponível em: <>. Acesso em: 01 jun. 2021.

RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial da Comunicação Social. **Manual de Radiojornalismo**. Série Estudos – Vol. 6. Rio de Janeiro, 2003).

ROCHA, Paula Melani. **As mulheres jornalistas no Estado de São Paulo: O processo de Profissionalização e Feminização da Carreira**. 2004. 224 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-paula-melani-mulheres-jornalistas.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2020.

_____; DANCOSKY, Andressa Kikuti. A feminização do jornalismo e ausência da perspectiva de gênero nas editorias de tecnologia no Brasil. **Intexto**, Porto Alegre, n. 35, jan-abr, 2016, p. 119-136. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/49651/33941>>. Acesso em 06 nov. 2020.

SANTOS, Marli dos; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa (Orgs.). **Mulheres no Jornalismo: Práticas Profissionais e Emancipação Social**. São Paulo: Casper Líbero, 2018. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2018/10/Mulheres-no-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2020.

SARMENTO, Rayza. **O feminismo no jornalismo**. Cad. Pagu, Campinas, n. 58, e205802, 2020. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/18094449202000580002>>. Acesso em 16 out. 2020.

SCARDOELLI, Anderson. Mulheres ainda são minoria no jornalismo brasileiro. **Portal Comunique-se**, 2019. Disponível em: <<https://portal.comunique-se.com.br/mulheres-jornalistas-minoria/>>. Acesso em: 09 out. 2020.

SILVA, André. **Questões de gênero: memória e narrativas de mulheres jornalistas em Belo Horizonte.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-andre-questoes-de-genero.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2020.

SILVA, Gilvânia Cândida da. NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. O feminismo chega à Rádio: a militância sufragista de Martha de Hollanda na Rádio Clube de Pernambuco (1931-1932). **Revista Cantareira**, edição 24, jan-jun, 2016. p. 127-140. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/cantareira/article/viewFile/27853/16260>>. Acesso em: 16 out. 2020.

SILVEIRA, Guaracy; SANGALETTI, Letícia; WAGNER, Cristina. **Introdução ao jornalismo.** Porto Alegre: SAGAH, 2018.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo pra mim.** Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Cultrix, 2017.

SOUSA, Jorge Pedro. **Construindo uma teoria do jornalismo.** Porto: Universidade Fernando Pessoa (Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação), 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-jornalismo.pdf>> Acesso em: 03 nov. 2020.

SOUZA, Itamar Ribeiro de. **Rádio Sociedade de Feira de Santana: A Primeira AM - Digital do Sertão.** 2007. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo) - Faculdade 2 de Julho, Salvador, 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/souza-itamar-radio-sociedade-de-feira.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2020.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo.** São Paulo: Paulus, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular Livros, 2020.